



O jardim que acolhe corpos e memórias: educação ambiental multisensorial¹

Christel Ribes²

Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – Brasil

<https://orcid.org/0009-0007-1943-6970>

Geovane de Souza Almeida³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) – Brasil

<http://orcid.org/0000-0002-1095-7514>

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão ampliada sobre uma experiência de educação ambiental sensível e inclusiva, vivida a partir da criação de um Jardim Sensorial em uma Unidade de Conservação urbana em Natal/RN. Com base em epistemologias ecológicas, abordagens fenomenológicas e metodologias participativas, argumenta-se que o corpo e os sentidos constituem vias legítimas de conhecimento. O jardim, pensado como espaço educativo e afetivo, buscou acolher diferentes modos de perceber e aprender, especialmente de pessoas com deficiência, resgatando a materialidade das experiências com a natureza. A partir da escuta de relatos sensoriais e afetivos dos participantes, problematiza-se o modelo tradicional de educação e propõe-se um deslocamento para uma educação ambiental mais-que-humana, que valorize a diversidade sensível e as práticas que vão além.

Palavras-chave: Sensorialidade. Educação Ambiental não formal. Epistemologias ecológicas. Inclusão. Fenomenologia.

El jardín que acoge cuerpos y memorias: educación ambiental multisensorial

Resumen: Este artículo propone una reflexión más amplia sobre una experiencia de educación ambiental sensible e inclusiva, vivida a través de la creación de un Jardín Sensorial en una unidad de conservación urbana en Natal, Rio Grande do Norte. Basándose en epistemologías ecológicas, enfoques fenomenológicos y metodologías participativas, argumenta que el cuerpo y los sentidos constituyen vías legítimas de conocimiento. El jardín, concebido como un espacio educativo y afectivo, buscó dar cabida a diferentes formas de percepción y aprendizaje, especialmente para personas con discapacidad,

¹ Recebido em: 21/07/2025. Aprovado em: 26/11/2025.

² Doutoranda em Educação Ambiental pela Universidade do Rio Grande (FURG). Mestrado profissional em Uso Sustentável de Recursos Naturais (IFRN). Graduação em Ecologia (UFRN). E-mail: christelribes@hotmail.com

³ Pós doutorando em Ciências Ambientais (IFRN). Doutor em Geografia (UFRN). Mestre em Planejamento Urbano e Regional e Dinâmicas Socioambientais (UFRN). Graduação em Geografia (UFRN) E-mail: geovaness@yahoo.com.br

recuperando la materialidad de las experiencias con la naturaleza. Al escuchar los relatos sensoriales y afectivos de los participantes, se cuestiona el modelo educativo tradicional y se propone una transición hacia una educación ambiental más que humana, que valore la diversidad sensible y las prácticas que la trascienden.

Palabras-clave: Sensorialidad. Educación Ambiental no formal. Epistemologías ecológicas. Inclusión. Fenomenología.

The garden that welcomes bodies and memories: multisensory environmental education

Abstract: This article proposes a broader reflection on a sensitive and inclusive environmental education experience, experienced through the creation of a Sensory Garden in an urban Conservation Unit in Natal, Rio Grande do Norte. Based on ecological epistemologies, phenomenological approaches, and participatory methodologies, it argues that the body and the senses constitute legitimate avenues of knowledge. The garden, conceived as an educational and affective space, sought to embrace different ways of perceiving and learning, especially for people with disabilities, reclaiming the materiality of experiences with nature. By listening to the participants' sensory and affective accounts, the traditional educational model is questioned and a shift toward a more-than-human environmental education is proposed, one that values sensitive diversity and practices that go beyond the physical.

Keywords: Sensoriality. Non-formal Environmental Education. Ecological Epistemologies. Inclusion. Phenomenology.

INTRODUÇÃO

Vivemos em um tempo em que a relação entre humanos e natureza tem sido profundamente marcada por distanciamentos sensoriais, afetivos e existenciais. Nas cidades, cada vez mais dominadas por rotinas aceleradas, ambientes artificiais e vínculos fragilizados com os ciclos da terra, torna-se urgente pensar espaços que possibilitem reaproximações sensíveis com o mundo natural. A educação ambiental, nesse cenário, emerge como uma potência formativa não apenas informacional, mas sobretudo experiencial — capaz de provocar deslocamentos na forma como percebemos e habitamos os espaços.

Diversos autores vêm problematizando a concepção moderna que nos separa da natureza e sugerem caminhos para resgatar uma percepção ampliada, baseada na presença, na escuta e no sentir. Reigota (2017) aponta que a cisão entre ser humano e ambiente ainda predomina no imaginário coletivo, reforçando práticas de dominação e exploração. Para Tuan (2012), a percepção do mundo nasce dos sentidos: é pelo cheiro, toque, sabor, som e visão que construímos vínculos afetivos e simbólicos com os lugares.

Nas cidades, contudo, essa aproximação torna-se cada vez mais rara. Os corpos, comprimidos entre muros, prédios e concreto, passam a experimentar o mundo de forma reduzida, frequentemente anestesiada. A experiência sensível é substituída pela

urgência, e a natureza, quando aparece, surge mais como cenário do que como presença. Essa rarefação do sentir tem implicações diretas na maneira como nos relacionamos com o ambiente, conosco e com os outros (Gonçalves *et al.*, 2019; Oliveira; Pereira, 2023).

É nesse contexto que os jardins sensoriais se apresentam como espaços potentes para práticas de educação ambiental inclusiva e multissensorial. Mais do que locais de lazer ou de contemplação, esses jardins são territórios de experimentação pedagógica, onde o corpo é reconhecido como mediador do conhecimento, e onde cada sujeito pode se aproximar do ambiente de formas diversas e singulares.

Ao estimular os sentidos — a visão das cores, o cheiro das ervas, a textura das folhas, os sons da natureza — o jardim promove experiências que sensibilizam, acolhem e despertam o pensamento ecológico desde o corpo. Como apontam estudos recentes (Wajchman-Świtalska *et al.*, 2021), os jardins sensoriais têm sido reconhecidos como ferramentas educativas e terapêuticas, principalmente por sua capacidade de envolver públicos diversos, incluindo crianças, idosos e pessoas com deficiência.

Nesse tipo de espaço, o aprendizado não se dá apenas pela compreensão racional, mas pelo encontro. A brisa que toca a pele, o cheiro que desperta memórias adormecidas, o som das folhas que convida à pausa — tudo se torna matéria de reflexão ecológica. A educação ambiental, assim, adquire cor, cheiro, textura e ritmo. Ela deixa de ser algo dito e passa a ser algo vivido (Barbosa; Nogueira, 2022; Lopes *et al.*, 2023).

Nesta pesquisa, propomos refletir sobre como a construção e vivência em um jardim sensorial, situada em uma Unidade de Conservação urbana, pode abrir caminhos para uma educação ambiental mais-que-humana — pautada na sensorialidade, na inclusão e nos vínculos afetivos com o território. Alinhado às epistemologias ecológicas (Steil e Carvalho, 2014) e a abordagens fenomenológicas da experiência (Merleau-Ponty, 1999; Abram, 2011), o trabalho busca evidenciar os sentidos como caminhos legítimos de conhecimento e reconexão com o mundo vivo.

Assim, este estudo nasce do desejo de compreender o que acontece quando corpos humanos se permitem novamente sentir o mundo — quando tocam o solo, quando inspiram aromas que lembram a infância, quando se permitem caminhar mais devagar. Ao propor uma experiência multissensorial em uma Unidade de Conservação urbana, buscamos problematizar a distância que se criou entre vida urbana e natureza, e

apontar caminhos possíveis para uma educação ambiental que acolha o corpo como território de saber e de afeto.

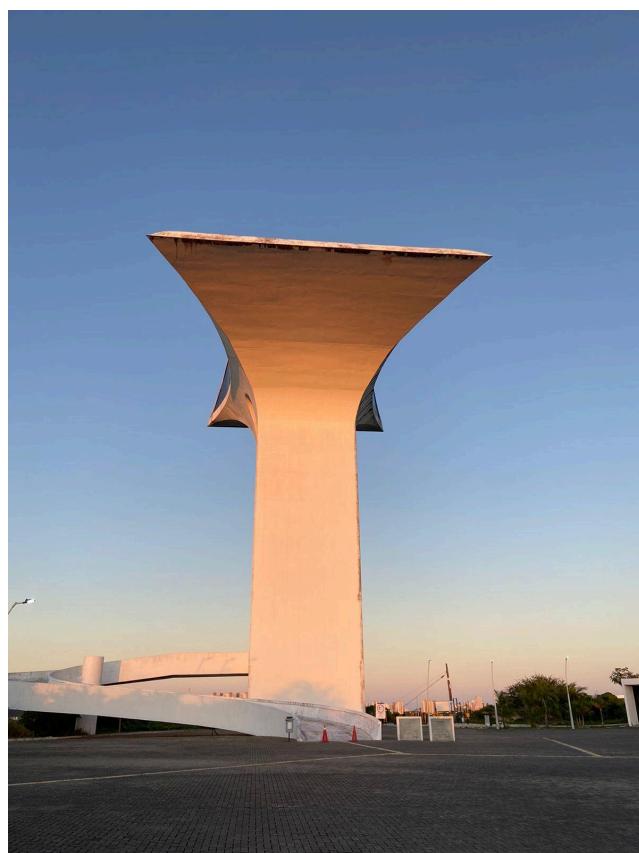
EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CAMINHOS SENSÍVEIS PARA UMA ECOPEDAGOGIA DO SENTIR

A educação ambiental no Brasil vem passando por um processo de ampliação e ressignificação, que incorpora dimensões culturais, políticas, sensoriais e afetivas. Como apontam Loureiro (2012) e Sato (2001), a EA é um campo em disputa, que se consolida a partir de múltiplas perspectivas epistemológicas. Nesse contexto, a experiência com o Jardim Sensorial se alinha a uma abordagem crítica e transformadora da educação ambiental, que reconhece a necessidade de uma formação integral, conectada com os sentidos, com os territórios e com os modos de vida.

A construção deste Jardim Sensorial foi no Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte (Figura 01), que está situado na Zona de Proteção Ambiental 1 (ZPA-1), ocupando uma área total de 136,54 hectares, que engloba os bairros de Pitimbu, Candelária e Cidade Nova, na Zona Sul da cidade de Natal/RN. Tivemos inspiração na concepção de educação ambiental que não se reduz à transmissão de conteúdos sobre a crise ecológica, mas que busca provocar deslocamentos existenciais, ampliando os modos de perceber, interagir e cuidar do mundo. Como propõem Sauvé (2005) e Loureiro (2012), educar ambientalmente é também educar os afetos, os sentidos e as relações com os seres humanos e não humanos. Isso exige metodologias que valorizem a experiência e a corporeidade como meios legítimos de construção do conhecimento.

A escolha pelo Jardim Sensorial como dispositivo pedagógico também dialoga com a necessidade contemporânea de criar ambientes educativos que restituam ao corpo seu lugar central na aprendizagem. Em um mundo cada vez mais visual e acelerado, recuperar a presença do tato, do cheiro, do ritmo e da pausa torna-se um gesto político e sensível. Assim, o Jardim Sensorial se constitui como um convite para redescobrir o mundo com calma, com o corpo inteiro, com a atenção voltada para as sutilezas da vida.

Figura 01: Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte



Fonte: autora da pesquisa (2023).

Durante a elaboração da proposta, adotou-se uma abordagem metodológica qualitativa, fundamentada na pesquisa participante, com base em Brandão (2006). O Jardim Sensorial, inserido em uma Unidade de Conservação urbana, foi concebido como um lugar de pertencimento, onde as relações entre corpo, natureza e memória se entrelaçam em uma tessitura educativa viva e sensível.

A perspectiva participante possibilitou que o processo de criação e execução do jardim fosse coletivo, dialogado e vinculado às experiências concretas das pessoas que habitam, visitam e cuidam do Parque da Cidade. Esse envolvimento tornou o espaço não apenas um cenário de atividades, mas um território compartilhado, tecido pelas histórias e percepções de quem o vivencia.

CORPOS EM MOVIMENTO: O JARDIM COMO ESPAÇO SENSÍVEL DE APRENDIZAGEM

A proposta do Jardim Sensorial foi materializada por meio da criação de um percurso circular com estações voltadas para os cinco sentidos. Esse desafio nos exigiu a pensar no melhor aproveitamento do espaço, e pedir suporte aos colaboradores do Parque, para que nos auxiliassem durante as modificações do jardim ao longo do tempo (as florações, frutificações, quedas de folhas, aparecimento de formigas).

O espaço escolhido fica próximo ao centro de visitantes, a área de apoio do Parque, por ser uma área de fácil acesso, boa luminosidade para o crescimento das plantas e ser comum a todos os funcionários e visitantes, no entanto, era um espaço subaproveitado. Constituído de cerca de 10x5m, não houve necessidade de fazer análise do solo, pois todas as espécies foram plantadas em jarros, respeitando o espaço por ser uma Unidade de Conservação.

Cada estação foi planejada para provocar uma experiência imersiva e acessível. O espaço foi pensado geometricamente para que fosse possível receber um grupo de visitantes e todos conseguissem ver as plantas que estão no local. Fizemos três triângulos para três sentidos (visão, olfato e paladar), para a parte do tato foi feita uma mini trilha sensorial no chão para que possam tocar os elementos através dos pés (figura 6), mas, no mesmo sentido, colocamos os elementos em recipientes para que quem não consiga andar, possa tocá-los com as mãos. E, por fim, os sons dos cantos de aves que estavam no Parque. Essa ambientação foi concebida a partir da ideia de que o corpo aprende com o mundo, como afirmam Abram (2011) e Ingold (2015), e que esse aprendizado não se restringe à observação, mas se dá no caminhar, no tocar e no escutar.

O planejamento desse percurso buscou garantir que cada visitante pudesse, à sua maneira, ser alcançado pelo espaço. Para alguns, a força do cheiro; para outros, a textura áspera ou macia; para outros ainda, a música natural do ambiente. Cada corpo encontra sua própria porta de entrada para a experiência, revelando que a aprendizagem é sempre singular, situada e sensível.

Durante as vivências, foi possível observar como os corpos reagiam de forma única às diferentes sensações (figuras 02, 03, 04 e 05). Uma adolescente autista, que não realizou o percurso vendada, ficou longos minutos observando a luz filtrada pelas folhas, dizendo que “aquilo era bonito de um jeito que dava vontade de ficar”. Uma senhora lembrou da infância no sítio da família quando realizou a trilha dos sentidos, onde o tato era através dos pés.

Esses relatos e gestos revelam que a aprendizagem sensorial se manifesta por vias sutis, que escapam muitas vezes às mediações verbais e lógicas. Como sugere Merleau-Ponty (1999), perceber é já estar implicado com o mundo. Os visitantes não apenas aprenderam sobre as plantas, mas *com* elas, em um gesto de abertura às suas presenças e expressividades.

Figura 02: participante no espaço do olfato



Fonte: acervo da pesquisa (2023)

Figura 03: participante experimentando uma folha de manjericão no espaço do paladar



Fonte: acervo da pesquisa (2023)

Figura 04: participante no espaço do tato pelas mãos



Fonte: acervo da pesquisa (2023)

Figura 05: participante no espaço do tato pelas mãos (sementes da palmeira Veitchia)



Fonte: acervo da pesquisa (2023)

Esses lugares, como o Jardim Sensorial, têm uma capacidade aprimorada de instigar um sentimento de conexão com o mundo natural, como evidenciado pelo relato de um visitante:

[...] o jardim me trouxe uma conexão com a natureza que eu não sentia há muito tempo, ele proporciona uma experiência única, contribuiu para a percepção da nossa existência e da existência do meio ambiente. Foi um momento de extrema conexão [...]

As pessoas possuem afinidade por um envolvimento físico com experiências quando essa interação é cuidadosamente planejada para ser agradável. Especialmente no jardim sensorial é viável criar diversas interações físicas planejadas de maneira prazerosa. Essas interações, ao estimular nossos órgãos sensoriais, estão diretamente relacionadas à formação de memórias afetivas, conforme destaca Damásio (2012).

Os estímulos podem produzir percepções sensoriais “capazes de associar as informações sensoriais à memória, à cognição e gerar conceitos sobre o mundo, sobre nós mesmos e os outros” evocando reações afetivas (Assumpção Junior; Adamo, 2007, p. 5). A presença de plantas, ligada às memórias, recordado por seus aromas específicos

e à nostalgia mencionada pelos visitantes, juntamente com os sentimentos positivos, sugere que a experiência no JS pode estabelecer um vínculo afetivo e emocional com o local. Autores como Silveiro (2017) ressalta a importância do afeto nas interações humanas com o ambiente natural.

A dimensão afetiva, nesse contexto, não é secundária ou acessória: ela constitui parte essencial do processo de aprendizagem. No Jardim Sensorial, os afetos não são apenas consequências, mas motores da aprendizagem, abrindo espaço para que novas compreensões sobre o ambiente e sobre si mesmos possam emergir.

Os resultados obtidos indicam que uma visita ao JS desperta predominantemente sentimentos positivos, independentemente de fazer o percurso vendado ou enxergando-o. Destaca-se que estimula o surgimento de emoções, em sua maioria positivas, aumentando a sensibilidade. Observou-se também uma predominância tato, olfato, audição e paladar, com predominância no aumento do tato e olfato. Diante disso, entendemos que promover a ativação de sentidos próximos, como o tato e o olfato, e de sentidos distantes, como a audição, transforma a experiência no Jardim Sensorial em algo singular (Silvério, 2017).

De acordo com Chimentti e Cruz (2008), as propriedades terapêuticas das ervas aromáticas se manifestam ao penetrar por meio de células especializadas que revestem a mucosa nasal. Essas substâncias alcançam o cérebro e exercem influência no sistema límbico, impactando assim nossas emoções.

Além disso, observou-se que o movimento dos corpos no espaço também reorganizou as emoções e percepções: caminhar com os pés descalços sobre diferentes texturas fazia com que as pessoas desaceleraram, falassem mais baixo, ou simplesmente silenciaram. Essa mudança de comportamento reforça a ideia de que o ambiente e o corpo estão em constante conformação — conceito trabalhado por Tim Ingold (2012) ao descrever as linhas de vida que nos constituem em relação com os fluxos do mundo.

Figura 06: participante na mini-trilha sensorial, estimulando o tato através dos pés



Fonte: acervo da pesquisa (2023)

A experiência do Jardim Sensorial, portanto, evidencia que a educação ambiental pode — e deve — provocar deslocamentos, não apenas físicos, mas epistemológicos, ontológicos e afetivos. Corpos em movimento, sentidos despertos, histórias emergindo: tudo isso compõe uma pedagogia que nos aproxima de uma ecologia sensível e viva.

O Jardim Sensorial foi concebido como um espaço de reconexão entre humanos e natureza, onde o aprender se dá pela presença corporal e pela ativação dos sentidos. As trilhas sensoriais, os aromas, as texturas e os sabores foram dispostos em triângulos acessíveis, promovendo um percurso de escuta e descoberta. Inspirados em Merleau-Ponty (1999), compreendemos que a percepção não é apenas uma via para o conhecimento racional, mas o próprio fundamento da experiência com o mundo. Essa concepção também se aproxima das contribuições de David Abram (2011), ao destacar a reciprocidade sensorial entre corpos humanos e o ambiente.

Durante a vivência, uma das participantes, ao passar pelo espaço do olfato, comentou: “Lembrei da minha avó, que plantava hortelã no quintal. O cheiro me levou pra lá”. Esse retorno da memória sensorial evidencia como os sentidos podem mobilizar afetos e conhecimentos adormecidos. Outro participante, ao caminhar vendado pela

trilha tástil, disse: “Senti como se os meus pés pensassem. Cada passo me dizia uma coisa diferente”.

Esses relatos ilustram que o corpo, quando ativado em sua inteireza, torna-se ferramenta de aprendizagem. A educação ambiental que se ancora na multissensorialidade abre espaço para escutas outras, menos lineares, mais afetivas e contextuais. A proposta do jardim, portanto, se alinha às epistemologias ecológicas que reconhecem os saberes situados, os vínculos emocionais e as experiências como formas legítimas de conhecer (Ingold, 2012).

Os resultados também demonstram que a experiência sensorial favoreceu a criação de vínculos afetivos com o lugar. Muitos participantes relataram que nunca haviam tocado plantas descalços, sentido aromas com tanta atenção ou percebido a textura das folhas como parte de um processo educativo. Essa abertura sensorial revelou que a educação ambiental pode despertar não apenas conhecimentos, mas também pertencimento, cuidado e encantamento — dimensões essenciais para fortalecer práticas ambientais mais sensíveis e humanas.

A INCLUSÃO COMO PRÁTICA SENSÍVEL

A construção metodológica do Jardim Sensorial fundamentou-se em uma abordagem participativa e inclusiva, inspirada pelas epistemologias ecológicas e pela perspectiva decolonial da diferença. Nossos sentidos são as portas de entrada da informação para o cérebro. Segundo Aristóteles, os cinco sentidos são encarregados por toda codificação sensorial. Para o filósofo, o ser humano conhece e reconhece as coisas e pessoas que o cercam devido aos sentidos. Então, os sentidos são utilizados em todos os momentos das nossas vidas e estão ligados a nós. Dominá-los é conhecer a nós mesmos.

Os sentidos nos ajudam a formar ideias, imagens e compreender o mundo. É pela experiência sensorial que obtemos o conhecimento. Por estimular todos os sentidos, o jardim sensorial como um instrumento de EA inclusiva acaba se tornando um instrumento para toda a sociedade, não sendo exclusivamente para portadores de deficiência ou de pessoas que estão em reabilitação (Almeida *et al.*, 2017).

Essa perspectiva alinha-se às proposições de Steil e Carvalho (2014), ao entender que incluir é reconhecer outras ontologias e formas de conhecimento, especialmente aquelas que não cabem nos modelos hegemônicos de racionalidade. A

diversidade sensorial, a corporeidade expandida e os modos singulares de presença foram considerados como potencialidades educativas, e não como limitações.

A experiência demonstrou que os sentidos funcionam como mediadores entre o ser e o ambiente. Através do toque, do cheiro, do som e do sabor, foi possível acessar saberes muitas vezes desconsiderados pelas formas tradicionais de ensino. A afetividade emergiu como elemento catalisador da aprendizagem.

A inclusão aqui proposta dialoga com a ideia de ecologia do sensível (Guattari, 1990), que reivindica uma ética relacional e uma escuta das multiplicidades da vida. Nesse sentido, o Jardim Sensorial não é apenas um espaço adaptado, mas um território de experimentação para uma educação ambiental que acolhe a diferença como potência educativa e não como exceção a ser normatizada.

Nesse contexto, a inclusão não foi entendida como adaptação mínima ou como exigência técnica, mas como postura ética. Ao permitir que cada corpo se relacionasse com o espaço através de seus próprios ritmos e modos de sentir, o Jardim Sensorial afirmou que a aprendizagem ambiental deve respeitar, acolher e valorizar a singularidade. Assim, a inclusão torna-se sinônimo de convite: convite ao toque, à pausa, à presença, ao encantamento.

A experiência demonstrou que os sentidos funcionam como mediadores entre o ser e o ambiente. Através do toque, do cheiro, do som e do sabor, foi possível acessar saberes muitas vezes desconsiderados pelas formas tradicionais de ensino. A afetividade emergiu como elemento catalisador da aprendizagem. Uma das visitantes escreveu: “Nunca imaginei que aprender sobre plantas pudesse ser tão emocionante. Saio daqui diferente, mais atenta aos detalhes”.

Esses relatos evidenciam que a inclusão sensorial não atua apenas sobre necessidades específicas, mas sobre a própria condição humana: todos nós aprendemos melhor quando somos afetados. Ao criar um ambiente seguro e sensível, o Jardim Sensorial deu lugar à diferença não como exceção, mas como fundamento pedagógico.

A dimensão da inclusão aqui abordada não se limita a aspectos arquitetônicos, mas se alinha ao conceito de ecologias do sensível (Guattari, 1990), compreendendo que todos os corpos têm direito à experiência plena do mundo. Isso requer repensar o próprio currículo, os tempos e os espaços educativos.

Assim, a inclusão emerge como prática sensível que amplia o campo das experiências possíveis, abrindo espaço para que diferentes corporalidades, histórias e modos de perceber encontrem lugar de pertencimento e diálogo.

INTERLÚDIOS SENSORIAIS: TEMPO, ESCUTA E PRESENÇA

Uma dimensão potente que emergiu nas vivências foi o tempo desacelerado. O Jardim Sensorial propiciou pausas, silêncios e escutas — aspectos raramente promovidos nos modelos escolares convencionais. A experiência sensorial exige presença e abertura. Uma participante relatou: “Foi a primeira vez que prestei atenção em como uma folha cheira. Nunca tinha parado para isso.”

Esses momentos revelam que a educação ambiental pode ser mais do que ensino de conteúdos ecológicos — pode ser uma prática de desaceleração, de encontro e de atenção radical. Como sugere Tim Ingold (2015), aprender com a natureza implica caminhar junto com ela, não apenas observá-la como objeto de estudo.

Estar em um jardim que convida à presença, desperta não apenas os sentidos físicos, mas também a dimensão do tempo vivido. Diferente do tempo cronometrado das escolas e dos relógios, ali o tempo é sensível, dilatado, circular. O corpo, ao desacelerar, passa a escutar o que antes era ruído: o som do vento, o farfalhar das folhas, o cheiro da terra molhada.

Essa desaceleração não é ausência de movimento, mas presença ampliada. É o tempo do corpo, o tempo da natureza, o tempo da escuta. Ao suspender o ritmo acelerado do cotidiano, o jardim cria um intervalo onde a aprendizagem se enraíza de maneira profunda e afetiva.

Essa escuta ampliada é também uma forma de resistência. Resistência ao ritmo acelerado das cidades, à fragmentação do cotidiano, à lógica produtivista do aprender. Nos interstícios do silêncio, no gesto de caminhar descalço, na suspensão do julgamento imediato, emerge uma outra pedagogia — aquela que se dá no intervalo, na sutileza, na suspensão da fala para ouvir o mundo.

As trilhas sensoriais se tornaram, nesse contexto, um espaço de reeducação da atenção. Em vez de nos guiarmos pela lógica do fazer contínuo, fomos convidados a experimentar o estar. Estar com as plantas, com os cheiros, com os outros corpos

presentes. Alguns visitantes, após os percursos, relataram que “saíram diferentes”, com a sensação de terem vivido “algo inteiro”.

Nesse sentido, o Jardim Sensorial revela que educar ambientalmente não é apenas transmitir conhecimento, mas criar condições para que a escuta aconteça — uma escuta que envolve o corpo inteiro, que se abre ao inesperado e que acolhe as presenças humanas e mais-que-humanas.

O interlúdio sensorial revela-se, assim, não como uma pausa do processo educativo, mas como sua própria essência. É nesse entremeio — entre o som e o silêncio, entre o passo e o toque — que se abre a possibilidade de uma escuta radical do mundo. Escutar, nesse sentido, não é apenas captar sons, mas acolher presenças. Presenças humanas, vegetais, animais, atmosféricas.

Essa forma de escuta — sensível, demorada, atenta — permite que a educação ambiental se desdobre como uma prática estética e ética. Estética, porque lida com a beleza do sensível. Ética, porque convida ao cuidado, à atenção, à reciprocidade com os mundos que nos atravessam. O tempo do jardim, então, é um tempo outro — um tempo que nos ensina a ver com os pés, a pensar com a pele, a aprender com o vento.

Assim, o Jardim Sensorial reafirma que a educação ambiental sensível é, acima de tudo, uma educação da presença — uma presença que olha, cheira, toca, respira e reconhece o mundo vivo em sua complexidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: POR UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL SENTIPENSANTE

O Jardim Sensorial revelou-se como um território de aprendizagem não apenas cognitiva, mas corporal e emocional. Ao estimular a escuta dos sentidos, promoveu uma experiência educativa que ultrapassa os moldes tradicionais da razão cartesiana. Os relatos e gestos dos participantes evidenciam que a corporeidade e os afetos são dimensões essenciais do processo educativo, em especial quando integrados em práticas inclusivas e abertas ao mais-que-humano. A valorização da diversidade sensorial, da memória afetiva e da desaceleração do tempo contribuiu para a emergência de uma ecologia do sentir que reconfigura o lugar do corpo na educação ambiental.

A experiência do Jardim Sensorial aponta caminhos potentes para repensar a educação ambiental em contextos urbanos e não formais. Propõe-se que iniciativas

semelhantes considerem a escuta sensível como eixo metodológico, envolvendo comunidades locais e corpos diversos desde a concepção dos espaços. Também se recomenda o aprofundamento de pesquisas que explorem a interface entre sensorialidade, inclusão e práticas decoloniais na educação ambiental. Investigações futuras podem ainda explorar o potencial dos jardins sensoriais em contextos escolares, com crianças, idosos ou populações indígenas, ampliando a compreensão sobre como o sentir pode ser um ato pedagógico radical.

O Jardim Sensorial é, portanto, mais do que um projeto pedagógico. É uma tecnologia social que aponta para uma educação ambiental enraizada na vida, no corpo e no cuidado — uma educação ambiental que se deixa tocar. Revelou-se ainda como um território de aprendizagem não apenas cognitiva, mas corporal e emocional. Ao estimular a escuta dos sentidos, promoveu uma experiência educativa que ultrapassa os moldes tradicionais da razão cartesiana. Mais do que ensinar conteúdos, o jardim convidou ao encantamento, à pausa, à presença e à escuta.

Essa proposta está em consonância com a chamada por uma educação sentipensante (Fals Borda, 2012), que une razão e emoção, saber e sentir, corpo e pensamento. Em tempos de crise ambiental e humana, cultivar espaços como esse é apostar na reconfiguração dos vínculos entre pessoas e natureza, entre conhecimento e afeto. É permitir que o aprendizado se dê também pelas vias do cheiro, do toque e da memória afetiva.

Assim, afirmar a sensorialidade como caminho de conhecimento é reivindicar uma educação ambiental que reconheça a potência do corpo como lugar de saberes. É defender que a transformação ambiental começa pela transformação sensível — pela forma como percebemos, nos afetamos e nos deixamos afetar pelo mundo vivo.

O Jardim Sensorial é, portanto, mais do que um projeto pedagógico. É uma tecnologia social que aponta para uma educação ambiental enraizada na vida, no corpo e no cuidado — uma educação ambiental que se deixa tocar. Futuras investigações podem explorar outros formatos de jardins sensoriais em territórios diversos, avaliando sua potência formativa em contextos rurais, escolares ou intergeracionais.

Esse espaço nos convida a uma educação ambiental que é, simultaneamente, poética, política e sensível — uma educação que escuta, acolhe e se deixa tocar.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, David. **A Magia do Sensível** - Percepção e Linguagem num mundo mais do que humano. São Paulo: Cultrix, 2011.
- ALMEIDA, R. G; MAIA, S. A.; JÚNIOR, M. A. R; LEITE, R. P. A.; SILVEIRA, G. T. R.; FRANCO, A. R. Biodiversidade e botânica: educação ambiental por meio de um jardim sensorial. **Conekte-se! Revista Interdisciplinar de Extensão**. v. 1, n.1, 2017.
- ASSUMPÇÃO JR., F. B.; ADAMO, S.. Reconhecimento olfativo nos transtornos invasivos do desenvolvimento. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 65, n. 4b, p. 1200–1205, dez. 2007
- BOND, David. Beyond the Anthropocene: sensing environments in environmental education. **Environmental Education Research**, v. 28, n. 2, p. 135-151, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRANDÃO, C. R. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CHIMENTTI, L. C.; CRUZ, M. F. **Propriedades terapêuticas de plantas aromáticas**. 2008.
- DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FALS BORDA, O. **Uma sociologia sentipensante para América Latina**. Compilado por Victor Manuel Moncayo. Bogotá: Siglo Del Hombre Editores y CLACSO, 2009.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papirus, 1990.
- INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. São Paulo: Editora Ubu, 2015.
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2012.
- LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental e movimentos sociais**: desafios para a radicalização da democracia. São Paulo: Cortez, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2017.
- SATO, M. ; PASSOS, L. A. **Biorregionalismo - identidade histórica e caminhos para a cidadania**. In: LAYRARGUES, P. et al. (Orgs.) *Sociedade e meio ambiente: a construção da cidadania na educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVÉRIO, F. **A arte do encontro: a educação estética ambiental atuando com o teatro do oprimido**. São Paulo: Annablume, 2017.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. DE M.. **Epistemologias ecológicas: delimitando um conceito**. Mana, v. 20, n. 1, p. 163–183, abr. 2014..

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Editora da USP, 2012.

WAJCHMAN-ŚWITALSKA, K.; MĄCZYŃSKA, A.; JAGUSIAK, M. Designing sensory gardens as inclusive educational environments. **Sustainability**, v. 13, n. 3, 2021. DOI: 10.3390/su13031008